

O Método da Psicobiografia: um antigo (novo) método qualitativo de fazer pesquisa em Psicologia

Emanuelle Oliveira Andrade¹

Universidade Federal de Uberlândia, UFU, Uberlândia, MG, Brasil

Renata Ferrarez Fernandes Lopes²

Universidade Federal de Uberlândia, UFU, Uberlândia, MG, Brasil

Resumo: A psicobiografia é um método que visa a explorar e a integrar arte, psicologia e biografia, buscando compreender a complexidade da personalidade humana e as dinâmicas que influenciam a criação literária ou artística através do estudo sistemático das vidas individuais de pessoas públicas (artistas, escritores etc.). Este artigo tem por objetivo explorar, definir a prática, as origens da psicobiografia e o seu desenvolvimento no contexto global e histórico, a fim de oferecer uma compreensão contextual dos fundamentos do método. As críticas comumente encontradas e as aplicações da psicobiografia nos dias atuais foram descritas, destacando sua importância na compreensão da complexidade da vida humana e suas contribuições para o avanço do conhecimento em psicologia. A psicobiografia pode ser realizada com base em diferentes abordagens psicológicas (Terapia Cognitiva Comportamental, Psicologia Positiva etc.). Em conclusão, a disseminação do método pode contribuir para estudos da personalidade de pessoas públicas brasileiras.

Palavras-chave: Personalidade; Método de Pesquisa; Psicobiografia.

Title: The Psychobiography Method: An Old (New) Qualitative Method of Doing Research in Psychology

Abstract: Psychobiography is a method that aims to explore and integrate art, psychology, and biography, seeking to understand the complexity of human personality and the dynamics that influence literary or artistic creation through the systematic study of public figures' individual lives (artists, writers, etc.). This article aims to explore and define the practice and origins of psychobiography, as well as its development in the global and historical context in order to offer a contextual understanding of the foundations of the method, in addition to the criticisms commonly found and the applications of psychobiography today, highlighting its importance in understanding the complexity of human life and its contributions to the advancement of knowledge in psychology. It can be carried out based on different psychological approaches (Cognitive Behavioral Therapy, Positive Psychology, etc.). In conclusion, the dissemination of the method can contribute to studies of Brazilian public personalities.

Keywords: Personality; Research method; Psychobiography.

¹ Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (PPGPSI - UFU). ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-0146-6899>. E-mail: manueoa@gmail.com.

² Professora do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (PPGPSI - UFU). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5577-6450>. E-mail: rferrandezlopes@ufu.br.

Introdução

A psicobiografia foi introduzida por Freud (1910) e aprofundada por outros estudiosos a partir da década de 1930, especialmente na Universidade de Harvard, consolidando-se como uma metodologia relevante por integrar psicologia e biografia. Esse método busca compreender a complexidade da personalidade humana por meio do estudo sistemático das vidas de figuras públicas, desde artistas, escritores, filósofos até políticos. Ao investigar essas vidas, a psicobiografia não apenas analisa fatos biográficos, mas também os contextualiza sob a lente de teorias psicológicas, como a psicanálise e, mais recentemente, a psicologia positiva, as abordagens behavioristas e outras.

Embora seja predominantemente qualitativa, a psicobiografia oferece um enfoque singular e aprofundado, possibilitando uma análise psicológica mais rica e menos convencional. Esse método ainda é pouco explorado no Brasil, mas carrega um potencial significativo para expandir a compreensão psicológica de personagens históricos e culturais.

A psicobiografia tem como principal objetivo a análise profunda e sistemática da trajetória de vida de uma pessoa pública, com ênfase em eventos marcantes, experiências traumáticas, relacionamentos significativos e processos de mudança ao longo da vida. Além de identificar padrões de comportamento e motivações individuais, a psicobiografia investiga como influências culturais, sociais e familiares moldam as decisões e transformações do indivíduo ao longo do tempo (Schultz, 2005).

Por meio desse processo, os psicobiógrafos buscam revelar aspectos subjetivos e inconscientes que podem explicar não apenas os comportamentos públicos, mas também as angústias, conquistas e crises existenciais desses indivíduos. A análise considera tanto períodos de estabilidade quanto de crise, focando em momentos críticos que revelam mudanças significativas na trajetória psicológica do indivíduo.

Esse método exige uma abordagem holística e contextualizada da personalidade, considerando a interação dinâmica entre fatores internos e intrapsíquicos, como emoções, pensamentos, crenças inconscientes e elementos externos, como o contexto histórico, as pressões sociais e as condições culturais. Por essa razão, a psicobiografia utiliza múltiplas fontes de dados para compor uma visão integral do indivíduo: autobiografias, cartas pessoais, registros históricos, entrevistas com pessoas próximas e observações diretas. Essas informações são verificadas para oferecer uma análise coerente e livre de reducionismos, promovendo uma compreensão rica e fundamentada da complexidade do comportamento humano.

A ausência de psicobiografias no Brasil revela uma lacuna significativa na análise aprofundada de figuras históricas e culturais, impedindo que personalidades relevantes do país sejam investigadas sob a ótica de teorias psicológicas estabelecidas. Essa carência limita a compreensão do impacto psicológico e sociocultural de grandes líderes e artistas na história nacional. Assim, a proposta deste artigo é inaugurar um novo campo de pesquisa no Brasil, orientando futuras investigações psicobiográficas e abrindo caminhos para que a psicologia brasileira explore esse método. Tal iniciativa pode ampliar o conhecimento sobre a identidade

cultural e a subjetividade de figuras públicas, além de enriquecer o cenário acadêmico ao integrar abordagens biográficas e psicológicas.

Este artigo, portanto, tem como objetivo explorar e definir a prática da psicobiografia, destacando suas origens e seu desenvolvimento no contexto global e histórico. Além de fornecer uma visão geral das principais definições do método, serão discutidas as críticas mais recorrentes, como a subjetividade na interpretação e os limites éticos no uso de dados pessoais. Serão também apresentadas as aplicações contemporâneas da psicobiografia, especialmente em estudos psicológicos e psicossociais, demonstrando sua importância na compreensão da complexidade da vida humana e suas contribuições para o avanço da psicologia como ciência no Brasil.

História do Método Psicobiográfico

O método psicobiográfico é uma abordagem antiga na Psicologia, embora não seja a mais comum ou familiar para a maioria dos psicólogos experimentais. O primeiro trabalho de natureza psicobiográfica foi atribuído a Sigmund Freud, que investigou os determinantes psicológicos da criatividade artística de Leonardo da Vinci, o que culminou na publicação do livro *Leonardo da Vinci and Memory of His Childhood* (1910), tendo a psicanálise como base teórica da pesquisa.

Embora a publicação de Freud sobre o artista renascentista seja amplamente reconhecida como o marco inicial da psicobiografia, Schultz (2017) remonta essa prática à Grécia Antiga. Ponterotto e Reynolds (2017) esclarecem que o início dos anos 1900 foi um período de intensa divulgação de interpretações psicanalíticas da vida de figuras públicas e históricas no âmbito das artes, da filosofia, da ciência e, ainda, de lideranças políticas. Notadamente, naquele momento, foram apresentados trabalhos sobre Hamlet de Shakespeare, Amenhotep IV, Sócrates, Charles Darwin, Alexandre (O Grande), Abraham Lincoln, Samuel Adams e outros (Schultz, 2017).

Entre 1920 e 1950, a produção psicobiográfica diminuiu à medida que a Psicanálise foi se firmando e o método experimental foi se consolidando no campo da Psicologia, deixando a psicobiografia à margem e dentro do campo da Psicologia (Kőváry, 2011). Apesar das críticas e da “exclusão” acadêmico-científica, as psicobiografias continuaram a ser produzidas, porém com menos evidência. Kőváry (2011) afirma que, seguindo o fundador da psicanálise, foram publicadas cerca de 300 análises psicobiográficas até 1960, mantendo o interesse pelo método vivo, embora com menor evidência e impacto.

A partir da metade do século XX, houve um “renascimento da psicobiografia” (Kőváry, 2011) impulsionado por psicólogos da Universidade de Harvard, como Gordon Allport, Henry Murray e Erik Erikson. Esses pesquisadores estavam interessados em estudos focados na personalidade e nos contextos sócio-históricos das figuras analisadas. Allport, por exemplo, introduziu o uso de documentos pessoais na pesquisa de personalidade, como no estudo psicobiográfico de “Jenny” (1965). Já Murray, em seu estudo multimétodo de Herman Melville, autor de *Moby Dick*, foi um dos pioneiros da combinação de diferentes abordagens (Murray, 1938).

Os estudos de Erik Erikson marcaram um ponto de virada na maturação do método ao expandir a psicobiografia para além das interpretações psicanalíticas e estabelecer novas abordagens. Suas análises de Martinho Lutero (1958) e Mahatma Gandhi (1969) consolidaram o modelo de pesquisa e ampliaram sua aceitação científica. A psicobiografia de Gandhi, premiada com o *Pulitzer de Não-Ficção* (1970), introduziu o conceito de identidade psicossocial e estabeleceu o método como uma ferramenta relevante para o estudo da personalidade (Ponterotto; Park-Taylor, 2021).

Tradicionalmente, a psicobiografia se ancorava em abordagens psicanalíticas e metodologias qualitativas focadas na análise de todo o ciclo de vida do indivíduo (McAdams, 1988; Elms, 1994, 2007). Contudo, a partir das últimas décadas, foram incorporadas novas teorias e metodologias ao campo, como a psicologia positiva, a psicologia evolucionista, teorias existenciais e fenomenológicas, a teoria do apego e da personalidade, além de enfoques mais recentes, como a terapia focada na compaixão. Também houve uma integração com outras áreas, como História, Direito, Neurociência e Medicina, permitindo o uso combinado de métodos qualitativos e quantitativos (Ponterotto, 2014; Schultz; Lawrence, 2017).

Essa expansão teórica se reflete em psicobiografias contemporâneas: o modelo de identidade psicossocial de Erikson foi aplicado ao estudo de *Freddie Mercury* (Fouché *et al.*, 2018) e *Barack Obama* (Sharma, 2011); o conceito de estágios da vida de Levinson (1978) fundamentou análises de *Steve Jobs* (Fouché *et al.*, 2017) e *Francis Galton* (Fancher, 1998). Outras teorias, como a do “Big Five” da personalidade e a do apego, são utilizadas nas psicobiografias de *George W. Bush* (McAdams, 2011) e *Truman Capote* (Schultz, 2011), e a psicologia positiva e o modelo diátese-estresse orientaram estudos de *Paulo Coelho* (Mayer, 2017) e *Bobby Fischer* (Ponterotto; Reynolds, 2013). Além disso, abordagens fenomenológicas e existenciais sustentaram pesquisas sobre *Maya Angelou* (Harisunker; Du Plessis, 2012) e *Oprah Winfrey* (Oosthuysen, 2019), a teoria social cognitiva de carreira fundamentou análises como a psicobiografia de *Angela Davis* (Reynolds; Anton; Bhattacharjee; Ingraham, 2021), entre outras (Cf. Ponterotto, Park-Taylor, 2021).

A psicobiografia se concentra na experiência interior e subjetiva de indivíduos públicos, analisando suas produções e contribuições com o objetivo de revelar motivações ocultas. Esse método lança luz sobre detalhes da vida e do comportamento de seus sujeitos, utilizando teorias psicológicas estabelecidas para interpretar eventos significativos e compreender padrões ao longo das suas trajetórias de vida.

Recentemente, o método tem se expandido para investigações longitudinais que acompanham o desenvolvimento do sujeito ao longo do tempo, com foco em suas motivações psicológicas e transformações internas (Schultz, 2005; Ponterotto, 2015). Essas pesquisas também levam em conta o contexto histórico e cultural do indivíduo, uma abordagem essencial para entender suas escolhas e ações (Perry, 2012 *apud* Oosthuysen, 2019).

Desde o final dos anos 1950 até o presente, a psicobiografia vem atraindo o interesse de pesquisadores e ganhando espaço na literatura acadêmica. Estudos psicobiográficos contemporâneos resultaram em dissertações, artigos, capítulos e livros, indicando que novas

teorias e metodologias continuam a enriquecer o campo. Colaborações transculturais e pluridisciplinares se tornaram particularmente relevantes, proporcionando uma visão mais ampla e integrada das experiências humanas.

Nos últimos dois anos, revistas internacionais, como *American Psychologist* (Kasser, 2017), *The Journal of Psychology in Africa* (Fouché, 2015) e *Indo-Pacific Journal of Phenomenology* (Du Plessis; Du Plessi, 2018), dedicaram edições inteiras à pesquisa psicobiográfica. Além disso, a psicobiografia tem sido integrada a currículos de cursos de psicologia em universidades dos EUA, especialmente nos estudos sobre criatividade, teoria da personalidade e história da psicologia (Ponterotto *et al.*, 2015) – inclusão que reforça a sua importância como ferramenta metodológica e educativa.

Assim, a psicobiografia, com sua natureza pluridisciplinar, busca compreender a diversidade e complexidade humana através de múltiplas perspectivas. O estudo das vidas individuais pode contribuir para intervenções educacionais e psicológicas mais eficazes, promovendo o desenvolvimento humano e a melhoria da qualidade de vida coletiva. Ao revelar o que funcionou e o que falhou na trajetória de indivíduos notáveis, a psicobiografia oferece *insights* valiosos para o progresso da psicologia e das ciências humanas.

Pesquisa psicográfica no contexto das Américas, da Ásia, da África e da Europa

Nas últimas décadas, observa-se um aumento significativo nas pesquisas psicobiográficas, embora ainda de forma gradual. Esse avanço é impulsionado por publicações que não apenas apresentam estudos exemplares, mas também fornecem orientações metodológicas essenciais. Entre as obras influentes estão *Life Histories and Psychobiography* (Runyan, 1982), *Personology* (Alexander, 1990) e *Uncovering Lives* (Elms, 1994).

Além disso, estudos relevantes como os de McAdams (1988), Atwood e Stolorow (1993), McAdams e West (1997) e Nasby e Read (1997) aprofundaram a aplicação do método. Mais recentemente, destacam-se as publicações *Handbook of Psychobiography* (Schultz, 2005) e *Beyond WEIRD: Psychobiography in Times of Transcultural and Transdisciplinary Perspectives* (Mayer *et al.*, 2023), que refletem a expansão da psicobiografia para contextos transculturais.

A psicobiografia tem se destacado em quatro continentes: África, Américas, Europa e Ásia. Entre os países com maior tradição no campo estão os Estados Unidos, França, Reino Unido, Japão e África do Sul, onde o método é aplicado para investigar personalidades artísticas, políticas e intelectuais. Cada contexto oferece perspectivas únicas sobre como fatores sociais e culturais moldam a psicologia individual (Jareño *et al.*, 2023).

Na América do Sul, o Brasil emerge como o principal polo de pesquisa psicobiográfica, embora o método ainda seja pouco conhecido. Algumas produções acadêmicas recentes têm ajudado a consolidar a psicobiografia no país, dentre as quais cabe destacar os trabalhos que utilizam o termo “Psicobiografia” em seus títulos e que, de certa maneira, restabelecem e incluem a psicobiografia como método de pesquisa na Psicologia brasileira, quais sejam, o livro *Psicologia do Gênero: psicobiografia e transformações* (Fávero, 2010), o artigo A

problemática da psicobiografia em Kant com Sade (Silva, 2019) e o artigo *Psicobiografia e Autoetnografia como experiências em pesquisas narrativas e (auto) biografias* (de Campos Gonçalves, 2023), publicado no I Encontro Regional Norte de Pesquisas (Auto)biográficas, realizado em fevereiro de 2023, na Escola Normal Superior - ENS, Manaus, Amazonas, refletindo, assim, a crescente expansão do método no contexto brasileiro.

A disseminação da psicobiografia em diferentes culturas revela sua capacidade de transcender fronteiras disciplinares. O método permite: a) compreender fatores psicológicos que moldam trajetórias de vida; b) analisar pessoas públicas (artistas, líderes políticos e intelectuais) em contextos históricos; c) decifrar nuances culturais que influenciam personalidades; e d) explorar a relação entre a psique individual e a diversidade cultural.

Ao investigar experiências internas, a psicobiografia ilumina não apenas realizações públicas, mas também motivações ocultas e dilemas psicológicos. Esse método destaca padrões de desenvolvimento ao longo da vida, analisando pensamentos, emoções e comportamentos em seu contexto histórico e cultural.

Assim, a psicobiografia se consolida como uma abordagem pluridisciplinar e transcultural voltada para a compreensão da diversidade e complexidade humana. Estudar vidas individuais não apenas gera *insights* sobre o desenvolvimento humano, mas também orienta intervenções educacionais e psicológicas mais eficazes. Ao identificar o que deu certo e o que deu errado nas trajetórias de pessoas notáveis, a psicobiografia oferece contribuições significativas para a Psicologia. O método tem o potencial de melhorar a qualidade de vida de grupos sociais mais amplos, promovendo um entendimento aprofundado da experiência humana.

Objetivos da Psicobiografia

Os objetivos da psicobiografia podem ser múltiplos e inter-relacionados. Como o próprio nome sugere, um dos principais objetivos da psicobiografia é explorar a complexidade da vida humana através da análise detalhada das histórias de vida de pessoas públicas e/ou *famosas*. Ao contrário dos métodos de pesquisa que focam em amostras populacionais ou em estudos experimentais, a psicobiografia foca na singularidade de cada pessoa, reconhecendo que a sua história de vida é única e afeta significativamente sua personalidade, seu desenvolvimento e seu comportamento (Schultz, 2005; Ponterotto, 2015).

Nesse sentido, a psicobiografia visa a obter uma compreensão abrangente do desenvolvimento humano, levando em consideração não apenas os aspectos internos e psicológicos, mas também os fatores sociais, históricos e culturais que moldam a trajetória de vida de uma pessoa, reconhecendo a interação dinâmica entre um indivíduo e seu ambiente. Isso envolve investigar e examinar eventos significativos, experiências traumáticas, relacionamentos e mudanças ao longo do tempo para identificar padrões recorrentes, percepções, valores, crenças, escolhas, além de influências ambientais e sociais e mudanças psicológicas percebidas.

Ainda, ao estudar a vida de pessoas famosas ou extraordinárias, os psicobiógrafos

podem iluminar processos psicológicos complexos por trás de comportamentos aparentemente contraditórios ou paradoxais, proporcionando assim uma compreensão mais holística e abrangente da natureza humana. Assim, a psicobiografia também busca fornecer informações sobre questões complexas, tais como motivação, identidade, adaptação, coragem, resiliência etc., oferecendo uma perspectiva única que pode enriquecer outros métodos de pesquisa em psicologia (Schultz, 2005, 2017; Ponterotto, 2015).

Definições relevantes para a compreensão do método da psicobiografia

A psicobiografia, desde a sua origem, é um método atravessado tanto por disciplinas científicas da psicologia quanto pelo método literário da biografia, além de outras áreas do conhecimento. De acordo com Schultz (2005), a psicobiografia é uma biografia informada por pesquisas e teorias psicológicas. Em essência, os estudos psicobiográficos integram teorias psicológicas para esclarecer e iluminar experiências, eventos e contribuições significativas na vida de figuras públicas, considerando seus contextos socioculturais.

Na pesquisa psicobiográfica, os participantes-psicobiografados são sempre pessoas públicas que exerceram, ou ainda exercem, alguma influência histórica e que são socialmente qualificadas como *figura pública*. Por definição, uma figura pública é alguém envolvido em questões administrativas ou políticas (um servidor público). Contudo, também existem figuras públicas de propósito limitado, famosas por realizações específicas, cujo comportamento desperta interesse coletivo, como artistas, líderes políticos, cientistas e escritores que contribuem significativamente para o conhecimento público.

Tradicionalmente, a psicobiografia se concentra em pessoas que conquistaram fama – ou infâmia – e notoriedade em áreas como política, artes, ciência, filosofia e negócios (Ponterotto; Park-Taylor, 2021). Essas pessoas se enquadram na definição de figuras públicas porque influenciam direta ou indiretamente questões sociais e culturais, estabelecendo uma reputação por meio de suas produções e/ou realizações.

Diferentes teóricos definiram a psicobiografia ao longo do tempo. Elms (1994, p. 20) a descreve como uma “biografia que faz uso substancial de teorias psicológicas”. Runyan (1982) a define como o uso explícito da psicologia formal na biografia. Já Schultz (2005) e Ponterotto (2015) expandem essas definições, posicionando a psicobiografia como um estudo intensivo da vida de indivíduos históricos que utiliza métodos psicológicos e historiográficos, sempre interpretados por meio de teorias consolidadas da psicologia.

Os elementos centrais da psicobiografia envolvem o estudo de toda a trajetória de vida do indivíduo, do nascimento à morte, buscando discernir, descobrir e formular uma história coerente baseada em teorias psicológicas (Mcadams, 1994, *apud* Oosthuysen, 2019). O objetivo é identificar a história central que explique as experiências e as escolhas do sujeito ao longo do tempo.

Schultz e Lawrence (2017) sugerem que a psicobiografia se assemelha à formulação de casos clínicos e argumentam que profissionais de saúde, especialmente clínicos, beneficiariam-se de treinamento nesse método. Esse treinamento ajudaria a preencher

lacunas entre a formação acadêmica e a prática clínica, permitindo diagnósticos mais precisos e tratamentos mais eficazes por meio de uma compreensão holística dos indivíduos em seus contextos socioculturais e históricos.

Além disso, Schultz e Lawrence (2017) afirmam que a psicobiografia é uma prática *formal* do que já fazemos *informalmente* no cotidiano. Segundo eles, passamos grande parte do tempo tentando entender as motivações e as personalidades de pessoas que fazem parte de nossas vidas ou de figuras públicas, como assassinos em série, celebridades, políticos, participantes de reality shows etc. Por razões evoluídas e inatas, não podemos deixar de fazer isso. Como seres sociais, compreender o comportamento alheio é essencial para nossa sobrevivência e nosso desenvolvimento pessoal.

O principal objetivo da psicobiografia é investigar de maneira formal e cuidadosa as vidas de indivíduos específicos, reconhecendo-os como únicos. Embora possa levantar hipóteses testáveis, a psicobiografia não busca generalizações, mas sim uma compreensão detalhada e singular do sujeito, assim como a neurociência, ao usar casos individuais para desenvolver modelos teóricos do funcionamento cerebral.

De acordo com Schultz (2011), enquanto biógrafos procuram relatar todos os detalhes possíveis de uma vida, psicobiógrafos selecionam momentos cruciais e se aprofundam neles para encontrar um significado psicológico. Uma psicobiografia, inicialmente, concentra-se nos detalhes sobre a experiência interior de uma pessoa pública através das suas produções, criações e contribuições notórias que são publicadas e, em seguida, na coleta de dados biográficos, sejam estes de uma pessoa viva ou falecida. Reunindo informações de fontes variadas e confiáveis, a análise busca entender o *porquê* e chegar o mais próximo possível dos motivos intrínsecos das ações do indivíduo e como sua personalidade influenciou suas escolhas.

Schultz (2005) enfatiza que, ao estudar a vida de um artista, por exemplo, a psicobiografia investiga as origens subjetivas de sua arte, explorando como sua personalidade moldou temas e necessidades criativas. Assim, a psicobiografia permite uma análise profunda das motivações e influências que definiram o trabalho e a vida do sujeito.

Na psicobiografia, as respostas obtidas não são verdades absolutas, mas funcionam como direções interpretativas. Em vez de buscar uma “verdade” definitiva, o objetivo é construir uma narrativa coerente e esclarecedora, reconhecendo que toda compreensão é provisória e sujeita a revisões (Schultz, 2017). O sucesso de uma psicobiografia é alcançado quando as interpretações psicológicas parecem inevitavelmente alinhadas com os fatos observados.

Assim, a psicobiografia é uma abordagem interdisciplinar que integra psicologia e biografia para compreender, de forma profunda e contextualizada, a trajetória única de figuras públicas e as suas contribuições. Ao invés de buscar generalizações, foca em revelar motivações e dinâmicas psicológicas específicas, estruturando uma narrativa coerente baseada em teorias psicológicas. Pesquisadores como Schultz (2005) e Ponterotto (2015) destacam que seu valor está na análise rigorosa e interpretativa, sem a pretensão de verdades absolutas.

No Brasil, a psicobiografia vem ganhando espaço com estudos recentes, reforçando seu potencial para explorar a complexidade humana além de fronteiras disciplinares e culturais. Assim, a psicobiografia se consolida como uma ferramenta poderosa tanto para a pesquisa científica quanto para a prática clínica, ampliando a compreensão das singularidades humanas e das interações entre psique e contexto sociocultural.

A personalidade no âmbito da psicobiografia

A palavra “personalidade” é fundamental, mas seu entendimento é complexo, visto que envolve uma combinação de traços endógenos básicos, adaptações em resposta a necessidades e motivos, mecanismos de defesa, estados emocionais, atitudes, narrativas que criamos sobre nossa vida, técnicas de enfrentamento, estilos de relacionamento e cenas marcantes com afetos e personagens. Além disso, inclui estratégias internalizadas que orientam ações futuras e, em muitos casos, experiências da infância, que podem influenciar toda a jornada de vida (Schultz, 2011).

A psicobiografia, por sua vez, não tem o propósito de fazer diagnósticos, pois estes tendem a imobilizar a compreensão dinâmica da personalidade e introduzem uma retórica que pode limitar a profundidade da investigação. Como a personalidade é mutável, um diagnóstico fixo poderia desviar o foco da exploração ampla e contextual das experiências de vida, prejudicando o objetivo principal da psicobiografia: compreender a complexidade do ser humano em sua totalidade (Schultz, 2017).

Psicobiografia é subjetiva e *também* pode ser objetiva

Sem dúvida, subjetividade e objetividade revelam a precisão necessária na psicobiografia, pois, além de coletar, é preciso interpretar dados. Esse processo exige perspicácia, habilidade para enxergar conexões e certa sensibilidade para compreender e “ler” pessoas (Schultz, 2017). No entanto, as interpretações psicobiográficas não são uniformes. Cada análise deve ser orientada por critérios sérios e responsáveis, definidos com base nas teorias psicológicas aplicadas a cada caso específico.

Desse modo, a psicobiografia não é meramente subjetiva. Embora envolva elementos interpretativos, as análises geralmente partem de fundamentos objetivos, apoiados em uma ou mais teorias consolidadas na Psicologia e em outras áreas. Assim, a subjetividade pode estimular a busca por objetividade, enquanto a objetividade ajuda a equilibrar excessos interpretativos, como ocorreu no passado.

Como é um método que foi pouco explorado em décadas anteriores e que agora está ressurgindo e ganhando espaço na Psicologia, a psicobiografia ainda está se consolidando. Não há, até então, um padrão estabelecido sobre como conduzir uma psicobiografia, quais princípios gerais adotar, quais normas éticas seguir ou quais considerações legais observar. Assim, este artigo busca oferecer diretrizes para psicólogos que desejam atuar com psicobiografia, contribuindo para o fortalecimento desse método no contexto da Psicologia brasileira.

Melhores práticas em psicobiografia

A pesquisa psicobiográfica está em desenvolvimento e tem atraído crescente interesse internacionalmente. Sua utilidade reside em diversas áreas: a) explorar a psicologia da criatividade e da personalidade; b) treinar estudantes de psicologia para práticas como psicoterapia; c) fortalecer abordagens para lidar com questões da vida, como o sofrimento; e d) aprofundar o conhecimento sobre o funcionamento humano, a autoconsciência e o florescimento. A psicobiografia oferece um caminho de diálogo e reflexão, contribuindo para a compreensão do ser humano e para a melhoria da qualidade de vida, ao estudar tanto o que deu certo quanto o que deu errado na trajetória individual (Schultz *et al.*, 2005; Ponterotto *et al.*, 2015, 2017).

Nesse sentido, nos últimos cinquenta anos, surgiram orientações metodológicas (Anderson; Dunlap, no prelo; Elms, 1994; Ponterotto, 2014; Runyan, 1982; Schultz; Lawrence, 2017) e diretrizes éticas (APA, 1976; Ponterotto; Reynolds, 2017) para guiar a pesquisa psicobiográfica. Os principais autores recomendam observar quatro práticas essenciais: a) compreender a perspectiva do pesquisador; b) ter consciência do contexto histórico-social do sujeito; c) adotar uma base teórica sólida; e d) conduzir uma extensa pesquisa historiográfica (Ponterotto; Park-Taylor, 2021).

a) Compreensão da perspectiva do pesquisador:

Os pesquisadores precisam ser conscientes de suas motivações, valores e expectativas ao conduzir uma psicobiografia. O autor deve monitorar constantemente seus próprios preconceitos para garantir uma análise equilibrada. Erikson (1967 *apud* Ponterotto; Park-Taylor, 2021, p. 467) ressalta que um pesquisador precisa ser transparente sobre sua relação com o objeto de estudo, razão pela qual “a primeira regra de um estudo psico-histórico é que o autor seja honesto sobre suas relações com o pedaço de história que está estudando”. Para evitar viés, os pesquisadores podem: i) revisar e questionar hipóteses emergentes; ii) trabalhar em equipe para monitorar preconceitos; iii) consultar especialistas de outras áreas; e iv) recorrer à psicoterapia, se necessário, para lidar com questões emocionais despertadas pela pesquisa (Anderson; Dunlap, no prelo; Ponterotto; Moncayo, 2018).

b) Consciência do contexto histórico-social:

A maioria das psicobiografias analisa pessoas já falecidas, algumas há mais de um século. Assim, interpretar suas vidas apenas com base em valores e comportamentos contemporâneos pode comprometer a pesquisa (Panelatti *et al.*, 2021). É essencial que os pesquisadores compreendam o “zeitgeist”, ou espírito da época, em que o sujeito viveu. Isso requer uma abordagem interdisciplinar que inclua conhecimentos em História, Economia, Sociologia, Religião e Direito do período analisado (Schultz, 2017). Ponterotto (2017) destaca que adquirir essa formação multidisciplinar é fundamental para uma análise precisa.

c) Abordagem teórica sólida:

A principal diferença entre psicobiografia e biografia é que a primeira está fundamentada em teorias psicológicas. O psicobiógrafo deve aplicar essas teorias de forma profunda, revelando motivações internas e inconscientes do sujeito-psicobiografado, oferecendo *insights* que vão além da narrativa biográfica tradicional (Ponterotto *et al.*, 2021). Pode-se adotar um modelo teórico único ou combinar várias teorias, desde que aplicadas com flexibilidade e sem forçar a teoria sobre o objeto de estudo. O pesquisador deve estar aberto a revisões e adaptações teóricas conforme a análise avança.

d) Extensa pesquisa historiográfica:

A psicobiografia exige uma pesquisa detalhada e diversificada. Inicialmente, Allport (1942) identificou duas categorias de fontes: i) documentos em primeira pessoa, como entrevistas, diários e cartas; e ii) documentos de terceiros, como biografias e reportagens. Hoje, as fontes foram ampliadas para incluir: *documentos de primeira pessoa* – escritos do próprio sujeito, incluindo postagens em redes sociais, como Instagram, Facebook e Youtube; *documentos de segunda pessoa* – fornecidos por contemporâneos do sujeito, como familiares e amigos, abrangendo entrevistas, memórias e mensagens privadas; e *documentos de terceira pessoa* – relatos externos, como biografias, reportagens, registros policiais e arquivos históricos (Ponterotto *et al.*, 2021).

A análise integrada dessas fontes é fundamental para garantir interpretações coerentes e plausíveis. Schultz (2005) e Ponterotto (2017) destacam que, embora cada tipo de documento ofereça perspectivas únicas, a combinação dessas fontes fortalece a compreensão do sujeito e aumenta a credibilidade da pesquisa.

O que os psicobiógrafos consideram uma psicobiografia “boa” e “ruim”?

Psicobiografia é um empreendimento estruturalista (Schultz, 2005), e aqueles que a utilizam como caminho de pesquisa reconhecem que os motivos, roteiros, ideias (conscientes ou inconscientes), conflitos de personalidade, entre outros, são coisas reais e moldam estruturas mentais, inclusive dos próprios pesquisadores. Assim, uma figura pública pode ter mais de uma psicobiografia, realizada através de diferentes perspectivas e abordagens psicológicas.

Schultz (2005) explica que pessoas são como poemas e que, assim sendo, elas podem ser interpretadas de maneiras diferentes e até contraditórias. O que se busca em psicobiografia não é necessariamente explicar, mas sim expandir a compreensão e iluminar o(s) significado(s). Muitas vezes, o significado é também subtextual, ou seja, ele deve ser decifrado, e, nesse contexto, alguns significados são “melhores” que outros. Nesse sentido, Schultz (2005) apontou seis marcadores para uma psicobiografia *boa* e seis marcadores para

uma psicobiografia *ruim*, descritos nas Tabelas 1 e 2, abaixo.

Tabela 1 – Os seis marcadores para uma psicobiografia *boa*

Persuasão	Persuasão interpretativa básica, a exemplo do que os operadores do direito (advogados, promotores e defensores) fazem em audiências e peças processuais. As melhores psicobiografias deixam o leitor se sentindo inevitavelmente “encantado” e “conquistado”.
Estrutura narrativa compreensiva e abrangente	A forma como se conta uma história de vida afeta diretamente a persuasão da história. Por isso, é importante deixar que as conclusões sigam naturalmente uma matriz de dados. As interpretações que iluminam mais aspectos de uma ação são mais convincentes do que aquelas que levam em consideração apenas os detalhes centrais. Quanto mais motivos forem esclarecidos, melhor, especialmente considerando o fato de que um comportamento é quase sempre “super determinado”; no entanto, pode haver muitas razões que favoreçam uma melhor compreensão.
Convergência de dados	Quanto mais dados apoiarem um fato ou uma interpretação e mais fontes houver, melhor.
Coerência repentina	As melhores interpretações tornam o incoerente coerente. A compreensão do mistério é uma das buscas essenciais da psicobiografia.
Solidez lógica e consistência com as evidências disponíveis	Livre-se da inconsistência lógica e da autocontradição. Certifique-se de que está de acordo com as evidências disponíveis e com o conhecimento geral sobre o funcionamento humano.
Viabilidade	Capacidade de suportar tentativas de falsificações e verificações ao longo do tempo.

Fonte: Baseado em Schultz (2005).

Tabela 2 – Os seis marcadores para uma psicobiografia *ruim*

Patologização	Psicobiografia por diagnóstico ou redução de toda complexidade da personalidade a categorias e/ou sintomas psicopatológicos estáticos.
Único dado	Dependência excessiva de um dado na oferta de interpretações. Os melhores <i>insights</i> estão vinculados a conjuntos de evidências, integrações de fatos retirados dos registros biográficos.
Reconstrução	Invenção de fatos psicológicos para os quais não existe evidência direta e aos quais muitas vezes se recorre na ausência de dados verificáveis sobre a história da infância.
Reduccionismos	Explica-se o caráter e a personalidade da pessoa adulta com base apenas nas experiências de primeira infância, negligenciando processos e influências formativas posteriores. A infância é, sem dúvida, muitas vezes fundamental, mas não é a única chave de construção da personalidade.
Escolha teórica frágil	Uso de teorias psicológicas que carecem totalmente de apoio experimental ou credibilidade no âmbito da psicologia.
Estrutura narrativa sem recursos	Análises sem novidades e com conclusões declaradas antes da introdução cuidadosa de evidências.

Fonte: Baseado em Schultz (2005).

Em suma, a psicobiografia trata de entender outras pessoas, e é claro que existem critérios para julgar a eficácia de uma interpretação. No entanto, as interpretações são distintas e seus méritos relativos são indetermináveis. O método da psicobiografia sempre irá contar com as muitas evidências que estão à disposição, como assuntos escritos ou falados e assuntos perseguidos com certa assiduidade, porque não é ao acaso que famosos estão cercados de um “clima de opinião” e de conjecturas (Schultz, 2005).

Um breve guia do passo a passo de uma psicobiografia

No Brasil, em português, não há nenhum manual que oriente *como* fazer uma psicobiografia; assim, com base na revisão de literatura realizada para a elaboração da psicobiografia da atriz Viola Davis (Andrade, 2024) e na orientação direta do experiente psicobiógrafo William Todd Schultz no ano de 2023, delineamos um passo a passo simplificado em que os psicobiógrafos podem se ancorar durante a condução de uma pesquisa psicobiográfica.

É importante ressaltar que o processo da pesquisa psicobiográfica não é um caminho linear, fixo e predeterminado, a exemplo do paradigma experimental – composto por introdução, hipótese, métodos e procedimentos, resultados e discussão. Segundo Schultz (2005), esse modelo é pouco adequado para a pesquisa psicobiográfica, uma vez que não há um experimento, mas existem procedimentos e resultados estáticos.

Assim, é sempre bom lembrar que o objetivo da pesquisa psicobiográfica é obter, na medida do possível, uma visão integral da vida do indivíduo, pois estamos interpretando e buscando compreender uma pessoa na medida em que é possível compreendê-la. Por isso, o guia apresentado adiante, o qual descreve o passo a passo de maneira básica, não tem a pretensão de exaurir a maneira como uma psicobiografia pode ser conduzida, mas sim iluminar o caminho e orientar futuros psicólogos e profissionais interessados em pesquisa psicobiográfica.

Tabela 3 – Passos de uma psicobiografia (análise comparativa das orientações dos principais autores)

Passos	Schultz (2005, 2016)	Elms (2007)	Du Plessis (2017)	Ponterotto (2017)
1	Escolha do sujeito/assunto	Escolha do sujeito/assunto	Escolha do sujeito/assunto	Compromisso com uma pesquisa psicobiográfica rigorosa e eticamente informada
2	Imersão nas expressões artísticas do sujeito	Formulação de hipóteses provisórias	Fontes primárias e secundárias de identidade	Escolher o tema histórico
3	Identificação e classificação de padrões contidos nas expressões artísticas do sujeito	Coleta inicial de dados dos diferentes tipos de fontes	Identificar o contexto em que o sujeito viveu; acessar os dados contextuais	Decidir sobre uma abordagem de pesquisa individual ou coletiva

4	Promover perguntas aos dados a fim de alcançar os conjuntos de “por quês?”	Revisar hipóteses provisórias	Selecionar uma ou mais teorias psicológicas apropriadas	Especificar os objetivos iniciais e as questões de pesquisa na psicobiografia
5	Identificar fontes primárias, secundárias e terciárias	Coleta de dados cada vez mais focada	Permitir que os dados se revelem	Escolha inicial da teoria
6	Realizar perguntas aos dados biográficos	Lidar com discrepâncias entre fontes de dados	Fazer perguntas específicas dos dados relacionadas ao assunto	Aprofundar-se no processo de pesquisa
7	Sobrepor a vida da psicobiografada à arte	Estender o processo de pesquisa interativa	Desenvolver estratégias de codificação e iniciar a codificação	Natureza interativa da pesquisa
8	Escolher um ou mais temas que serão estudados	Identificar e delimitar conclusões válidas	Selecionar formatos visuais para apresentar dados	Avaliar explicações alternativas
9	Sondagem e investigação além dos dados artísticos e biográficos	Estudo interativo adicional do assunto por outros pesquisadores	Integrar codificação com exibição	Modelo ético de tomada de decisão
10	Escrever psicobiografia	Escrever psicobiografia	Redação e publicação do estudo	
11			Revisão da psicobiografia em relação a questões específicas desenvolvidas anteriormente	
12			Avaliação do processo de pesquisa	

Fonte: Baseado nas orientações de Schultz (2005) e na tabela de Ponterotto e Park-Taylor (2021).

Frente ao exposto na Tabela 3 acima, cabe ressaltar que, em geral, um estudo psicobiográfico surge do interesse de longa data do pesquisador por uma pessoa pública específica, pessoa essa que admira ou que o deixa intrigado. Ponterotto (2014) e Schultz (2005) salientam que, muitas vezes, não são os psicobiógrafos que escolhem o tema, mas sim o sujeito-psicobiografado, como se dissesse: “*estude minha vida psicológica e informe ao público o que você descobriu sobre mim*” (Ponterotto et al., 2021).

Tal estudo pode ser um processo muito longo, que pode durar vários anos, e é exaustivo devido à grande quantidade de dados que podem ser acessados – daí a importância da escolha da figura pública a ser pesquisada, para que o pesquisador consiga manter o

interesse e o compromisso com o assunto até completar e publicar o produto final da pesquisa.

Ética e considerações legais na pesquisa em psicobiografia

Apesar do longo desenvolvimento da psicobiografia, as discussões sobre ética e questões legais nessa área ainda são recentes e pouco aprofundadas. Isso ocorre, em parte, porque a American Psychological Association (APA) não aborda diretamente a psicobiografia em seus manuais éticos (APA 2010; Ponterotto *et al.*, 2017).

No entanto, a APA estabelece princípios gerais e padrões éticos que podem orientar pesquisas psicobiográficas, como “orientar os psicólogos em direção aos mais altos ideais éticos da profissão”, promover a “responsabilidade social”, proteger o “bem-estar e os direitos” daqueles com quem se interage, garantir a “integridade”, evitar preconceitos e respeitar a “dignidade da pessoa humana” (APA, 2010; Ponterotto *et al.*, 2017).

Em muitos casos, as propostas de pesquisa psicobiográfica são isentas de revisão institucional, já que costumam utilizar dados públicos sobre figuras históricas falecidas. Entretanto, pesquisas que envolvem indivíduos recentemente falecidos ou vivos exigem maior atenção ética, pois o relato psicobiográfico pode afetar a imagem pública, a identidade e até a memória da pessoa estudada, além de impactar familiares e pessoas próximas (Ponterotto *et al.*, 2021).

Não é incomum que psicobiógrafos encontrem informações confidenciais e inéditas sobre seus sujeitos, desconhecidas até por familiares e amigos. Essas descobertas impõem desafios éticos e legais, como o respeito ao direito à privacidade e o uso responsável de registros confidenciais. Ponterotto e Reynolds (2017) defendem que o equilíbrio e a objetividade na divulgação desses dados são fundamentais para evitar danos emocionais tanto ao sujeito (vivo ou falecido) quanto aos seus familiares (Ponterotto *et al.*, 2017, 2021).

Dada a ausência de regulamentação específica para a psicobiografia, é recomendável que os pesquisadores sigam diretrizes das melhores práticas em psicologia (Ponterotto; Reynolds, 2017) e psiquiatria (APA, 1976). Devem, especialmente: a) considerar a relevância do contexto histórico-social do sujeito estudado (Ponterotto *et al.*, 2021); e b) evitar tanto análises excessivamente positivas e idealizadas (idolatria) quanto avaliações patologizantes e depreciativas (desprezo) (Schultz, 2005).

Na psicobiografia, o foco é investigar a psicologia interna do sujeito, compreendendo as motivações e decisões que moldaram suas ações e comportamentos ao longo da vida. Para isso, os psicobiógrafos devem adotar uma postura cuidadosa e manter uma empatia controlada (Elms, 1994), preservando o respeito pelo indivíduo e o rigor na pesquisa (Ponterotto *et al.*, 2021).

Considerações Finais

Este artigo explora o método da psicobiografia, destacando sua importância na compreensão da complexidade da vida humana e suas contribuições para o avanço da psicologia no Brasil. Embora seja um método antigo, a psicobiografia foi pouco explorada ao longo da história da Psicologia e permaneceu à margem por muitos anos. Atualmente, o campo ainda está em construção, especialmente em território brasileiro.

A psicobiografia é uma abordagem interdisciplinar que integra psicologia e biografia para investigar a vida e o comportamento de pessoas notáveis. Seu objetivo é revelar as motivações, personalidades e experiências que moldaram a trajetória de líderes políticos, artistas e cientistas, oferecendo uma perspectiva única sobre os fatores que influenciam (ou influenciaram) o seu comportamento ao longo da vida.

Contudo, é essencial refletir sobre as limitações e os desafios que envolvem esse tipo de investigação, especialmente no que diz respeito à subjetividade dos dados e às questões éticas na análise de vidas privadas. Garantir a integridade e a validade dos estudos psicobiográficos requer uma abordagem cuidadosa e responsável (Ponterotto *et al.*, 2021).

Para o desenvolvimento e a aplicação futura da psicobiografia como método de pesquisa em psicologia, é importante considerar:

- a) *Interdisciplinaridade*: integrar psicologia com outras áreas, como História, Sociologia, Neurociência, Filosofias, Antropologia etc. para enriquecer a compreensão da vida e do comportamento humano;
- b) *Diversidade e inclusão*: ampliar as investigações para abranger diferentes contextos culturais, étnicos, de gênero e socioeconômicos, promovendo maior representatividade;
- c) *Novas fontes de dados*: utilizar mídias sociais, podcasts, vídeos e áudios como novas formas de coleta de dados psicobiográficos;
- d) *Integrar abordagens quantitativas e qualitativas*: combinar métodos para aprofundar a análise e ampliar a compreensão das pessoas estudadas;
- e) *Aplicação prática*: relacionar teoria e prática para compreender não apenas o que aconteceu na vida de uma pessoa, mas também *por que* aconteceu e *quais* foram as consequências; e
- f) *Formação e capacitação*: oferecer treinamentos em psicobiografia para estudantes e profissionais, incentivando a aplicação desse método em diferentes áreas da psicologia, como já ocorre em outros países.

Embora a psicobiografia ofereça uma abordagem rica para entender a complexidade da vida humana, também apresenta desafios e limitações que precisam ser considerados pelos pesquisadores.

Um dos principais desafios é lidar com os *vieses de memória e precisão das fontes de dados*. Autobiografias e outras fontes podem ser influenciadas por percepções seletivas,

autoimagem idealizada ou omissões, comprometendo a precisão das informações e a validade das conclusões (Schultz, 2005).

Outro desafio é a *subjetividade na interpretação dos dados*, que pode ser afetada por suposições e preconceitos do pesquisador. Essa subjetividade pode levar a conclusões tendenciosas, especialmente se não forem adotadas medidas para mitigar vieses pessoais (Ponterotto *et al.*, 2021).

Além disso, a *singularidade das vidas investigadas* impede a generalização dos resultados. As conclusões tiradas de uma psicobiografia podem não ser aplicáveis a outros indivíduos ou contextos, o que limita o alcance dos achados na compreensão mais ampla da psicologia humana.

Apesar desses desafios, a psicobiografia permanece sendo uma ferramenta valiosa e complementar para a pesquisa em psicologia, proporcionando *insights* únicos sobre a complexidade da vida humana. Quando realizada com cuidado e reflexão, pode gerar descobertas significativas sobre a natureza humana e contribuir para o avanço do conhecimento na área.

As futuras pesquisas psicobiográficas podem se concentrar em temas específicos, como os efeitos de traumas na infância sobre a vida adulta, ou ampliar seu escopo para incluir grupos historicamente sub-representados na literatura. Ao considerar esses aspectos, a psicobiografia pode continuar contribuindo de forma significativa para o avanço do conhecimento sobre o comportamento humano, oferecendo uma abordagem única e enriquecedora para a psicologia.

Referências

ALEXANDER, I. E. *Personology: Method and content in personality assessment and psychobiography*. Durham: Duke University Press, 1990.

ALLPORT, G. W. *Letters from Jenny*. New York/Chicago/Burlingame: Harcourt; Brace & World, 1965.

ANDERSON J. W., DUNLOP W. Executing psychobiography: Methodology and the use of theory. In: Mayer, C.-H.; Kóváry, Z. (Eds.). *New trends and perspectives in psychobiography*. London: Springer, 2019. p. 11-33.

ANDRADE, E. O. *Viola Davis e a Jornada da Compaixão: Uma Psicobiografia à luz da Terapia Focada na Compaixão Afrocentrada*. 2024. 179 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Uberlândia, 2024.

APA. American Psychiatric Association. *The psychiatrist as psychohistorian* (Task Force Report #11). Washington: APA, 1976.

APA. American Psychological Association. 2010 Amendments to the 2002 “Ethical principles of psychologists and code of conduct”. *The American psychologist*, v. 65, n. 5, p. 493-493, 2010.

APA. American Psychological Association. Amendments to the 2002 “Ethical principles of psychologists and code of conduct”. *The American psychologist*, v. 65, n. 5, p. 493-493, 2010.

- ATWOOD, G. E.; STOLOROW, R. D. *Faces in a cloud: Intersubjectivity in personality theory*. Lanham: Jason Aronson, 1993.
- DE CAMPOS GONÇALVES, C. É. L. *Psicobiografia e Autoetnografia como experiências em pesquisas narrativas e (auto) biografias*. 2023.
- DU PLESSIS, C. The method of psychobiography: Presenting a step-wise approach. *Qualitative Research in Psychology*, v. 14, n. 2, p. 216-237, 2017.
- DU PLESSIS, C. The method of psychobiography: presenting a step-wise approach. *Qualitative research in psychology*, v. 14, n. 2, p. 216-237, 2017.
- DU PLESSIS, C.; DU PLESSIS, G. An easy alliance: The relationship between phenomenology and psychobiography: Special edition on psychobiography and phenomenology. *The Indo-Pacific journal of phenomenology*, v. 18, n. sup. 1, p. 1-4, 2018.
- ELMS, A. C. Psychobiography and case study methods. In: ROBBINS, R. W.; FRALEY R. Ch.; Krueger, R. F. (Eds.). *Handbook of research methods in personality psychology*. New York: The Guilford Press, 2007. p. 97-113.
- ELMS, A. C. *Uncovering lives*. The uneasy alliance of biography and psychology. New York: Oxford University Press, 1994.
- ERIKSON, E. H. Book review: Thomas Woodrow Wilson, by Sigmund Freud and William C. Bullitt. *International Journal of Psychoanalysis*, v. 48, p. 462-468, 1967.
- ERIKSON, E. H. *Gandhi's Truth: On the Origins of Militant Nonviolence*. New York: W. W. Norton, 1969.
- ERIKSON, E. H. *Young man Luther*. New York: Northon & Company, 1993 [1958].
- FANCHER, R. E. Biography and psychodynamic theory: Some lessons from the life of Francis Galton. *History of Psychology*, v.1, n. 2, p. 99-115, 1998.
- FÁVERO, M. H. *Psicologia do Gênero: Psicobiografia, Sociocultura e Transformações*. Curitiba: Editora UFPR, 2010.
- FOUCHÉ, J. P. The 'coming of age' for Southern African psychobiography. *Journal of psychology in Africa*, v. 25, n. 5, p. 375-378, 2015.
- FOUCHÉ, J. P.; DU PLESSIS, R.; VAN NIEKERK, R. Levinsonian seasons in the life of Steve Jobs: A psychobiographical case study. *Indo-Pacific Journal of Phenomenology*, v. 17, n. 1, p. 1-18, 2017.
- FOUCHÉ, J. P.; LOUW, D. A.; NAIDOO, P.; VAN NIEKERK, R. Queen's great pretender: A psychobiographical sketch of Freddie Mercury. *The Journal of Psychohistory*, v. 46, n. 1, p. 17-36, 2018.
- FOUCHÉ, P.; VAN NIEKERK, R. Academic psychobiography in South Africa: Past, present and future. *Suid-Afrikaanse tydskrif vir sielkunde*, v. 40, n. 4, p. 495-507, 2010.
- FREUD, S. *Leonardo da Vinci and a memory of his childhood*. New York: Norton, 1910.
- HARISUNKER, N.; DU PLESSIS, C. A journey towards meaning: An existential psychobiography of Maya Angelou. *Europe's journal of psychology*, v. 17, n. 3, p. 210-220, 2021.
- JAREÑO, A. *et al.* Promoting psychobiography: models and perspectives from multiple countries. *International review of psychiatry*, v. 36, n. 1-2, p. 153-164, 2023.

- KŐVÁRY, Z. Psychobiography as a method. The revival of studying lives: New perspectives in personality and creativity research. *Europe's journal of psychology*, v. 7, n. 4, p. 739-777, 2011.
- MAYER, C.-H. *et al.* Correction to: Beyond WEIRD: Psychobiography in times of transcultural and transdisciplinary perspectives. In: MAYER, C.-H.; VAN NIEKERK, R.; FOUCHÉ, J. P.; PONTEROTTO, J. G. (Eds.). *Beyond WEIRD: Psychobiography in Times of Transcultural and Transdisciplinary Perspectives*. Cham: Springer International Publishing, 2023.
- MCADAMS D. P. *George W. Bush and the redemptive dream: A psychological portrait*. New York: Oxford University Press, 2011.
- MCADAMS, D. P. *Power and intimacy: Identity and the life story*. New York: The Guilford Press, 1988.
- MCADAMS, D. P.; WEST, S. G. Introduction: Personality psychology and the case study. *Journal of personality*, v. 65, n. 4, p. 757-785, 1997.
- MURRAY, H. A. *Explorations in Personality*. New York: Oxford University Press, 2008 [1938].
- MURRAY, H. A.; MC ADAMS, D. P. *Explorations in Personality*. London: Oxford University Press, 2007.
- NASBY, W.; READ, N. W. The Life Voyage of a Solo Circumnavigator Integrating Theoretical and Methodological Perspectives. *Journal of personality*, v. 65, p. 785-785, 1997.
- OOSTHUYSEN, Y. The posttraumatic growth of Oprah Winfrey: a psychobiography. 2019. 83 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Nelson Mandela University, Faculty of Health Sciences, Port Elizabeth, 2019.
- PANELATTI, A. F.; PONTEROTTO, J. G.; FOUCHÉ, P. J. P. Meaning-making narratives within a puzzle of parts: A psychobiographical sketch of Sylvia Plath. *Europe's journal of psychology*, v. 17, n. 3, p. 243-252, 2021.
- PONTEROTTO, J. G. Best practices in psychobiographical research. *Qualitative Psychology*, v. 1, n. 1, p. 77-90, 2014.
- PONTEROTTO, J. G. *et al.* Psychobiography training in psychology in North America: Mapping the field and charting a course. *Europe's journal of psychology*, v. 11, n. 3, p. 459-475, 2015.
- PONTEROTTO, J. G. Integrating psychobiography into professional psychology training: Rationale, benefits, and models. *Training and education in professional psychology*, v. 11, n. 4, p. 290-296, 2017.
- PONTEROTTO, J. G. Psychobiography in psychology: Past, present, and future. *Journal of psychology in Africa*, v. 25, n. 5, p. 379-389, 2015.
- PONTEROTTO, J. G.; MONCAYO, K. A cautious alliance: The psychobiographer's relationship with her/his subject. *The Indo-Pacific journal of phenomenology*, v. 18, n. sup. 1, p. 97-108, 2018.
- PONTEROTTO, J. G.; PARK-TAYLOR, J. Careerography: Application of psychobiography to career development. *Journal of career development*, v. 48, n. 1, p. 7-19, 2021.
- PONTEROTTO, J. G.; REYNOLDS (TAEWON CHOI), J. D. Ethical and legal considerations in psychobiography. *The American psychologist*, v. 72, n. 5, p. 446-458, 2017.

PONTEROTTO, J. G.; REYNOLDS J. D. The “genius” and “madness” of Bobby Fischer: His life from three psychobiographical lenses. *Review of General Psychology*, v. 17, n. 4, p. 384-398, 2013.

REYNOLDS (TAEWON CHOI), J. D. *et al.* The work of a revolutionary: A psychobiography and careerography of Angela Y. Davis. *Europe’s journal of psychology*, v. 17, n. 3, p. 198-209, 2021.

RUNYAN, W. M. *Life histories and psychobiography: Explorations in theory and method*. New York: Oxford University Press, 1982.

SCHULTZ, W. T. Behind the Masks: psychobiography primer. *The Psychologist*, v. 29, n. 8, p. 2-5, 2016.

SCHULTZ, W. T. *Handbook of Psychobiography*. Oxford University Press, 2005.

SCHULTZ, W. T. *Lifelong Learning - Todd Schultz*. [S. l.]: Berglund Center, 2011. 1 vídeo (4 min). Disponível em: <https://youtu.be/GKCSxC4qc5k>. Acesso em: 7 set. 2024.

SCHULTZ, W. T. Papers in psychobiography. *William Todd Schultz*, [S. l.], 9 de outubro de 2019. Disponível em: <https://williamtoddschultz.wordpress.com/2019/10/09/papers-in-psychobiography/>. Acesso em: 7 set. 2024.

SCHULTZ, W. T. *Tiny Terror: Why Truman Capote (Almost) Wrote Answered Prayers*. New York: Oxford University Press, 2011.

SCHULTZ, W. T.; LAWRENCE, S. Psychobiography: Theory and method. *The American psychologist*, v. 72, n. 5, p. 434-445, 2017.

SHARMA, D. *Barack Obama in Hawai’i and Indonesia: The making of a global president*. New York: Praeger, 2011.

SILVA, F. A. R. D. de M.; KOSOVSKI, G. F. A problemática da psicobiografia em Kant com Sade. *Trivium Estudos Interdisciplinares*, v. 11, n. 1, p. 18-29, 2019.

VAN NIEKERK, R.; VOS, H.; FOUCHÉ, P. The career development of Christiaan Neethling Barnard: A psychobiography. *Journal of psychology in Africa*, v. 25, n. 5, p. 395-402, 2015.

WINSTON-PROCTOR, C. E. “It’s something to own”: A psychobiographical exploration of the life story of Michelle LaVaughn Robinson Obama. *Journal of personality*, v. 91, n. 1, p. 150-164, 2023.

Recebido em: 08/09/2024.

Aceito em: 17/10/2024.